

Física antropológica e psicologia social em pesquisa crítica de redes (resumo preliminar)

RENATO FABBRI, DEBORAH ANTUNES, MARÍLIA PISANI
IFSC/USP, PD/UFC, CCONH/UFABC
20 de Agosto de 2015

Abstract

translate

Resumo

O termo Indústria Cultural foi cunhado em 1941 pelo filósofo alemão Max Horkheimer para designar um novo modo de desenvolvimento da cultura que se faz enquanto mercadoria em um processo em que o controle social adentra a esfera da vida do indivíduo para além do mundo do trabalho e da indústria, e passa a dominar seu tempo livre. Este conceito comporta uma articulação entre subjetividade e política, que aproxima a Psicanálise de Freud e o marxismo. Amplamente divulgado na 'Dialética do Esclarecimento', que Horkheimer escreveu em coautoria com Theodor Adorno, o conceito de Indústria Cultural torna-se historicamente possível com os avanços tecnológicos e científicos e a decorrente produção de aparatos para o consumo do público em geral, principalmente os relativos à comunicação, como o telégrafo, o telefone, o rádio, os aparelhos de TV, as projeções cinematográficas etc. Para os autores, a mediação por esses aparatos tem consequências nos indivíduos e sua subjetividade no que tange o desenvolvimento do que chamaram de falsa consciência das massas, pensamento de ticket e potencial antidemocrático. Hoje, com o salto tecnológico digital, pode-se dizer da existência de uma Indústria Cultural 2.0 que, segundo a tese de Rodrigo Duarte, preserva quase todos os elementos de outrora capazes de formar o que se designa sujeito cativo. O objetivo desse trabalho é, através de uma análise sistemática do meio digital, compreender em que medida tais características estão preservadas e, em que medida, é possível verificar o surgimento de diferentes potencialidades não existentes anteriormente. Embora haja facilitação dos processos massificantes e centralizadores, parece haver também uma

ação com potencialidade de práxis do indivíduo, que pode melhor observar e atuar nas estruturas sociais nas quais se encontra. Para esta potencialização, que não ocorre sem contradições, apresentamos resultados em ações percolatórias no tecido social, conceituação de meta-sensores (sociais) e estratégias antropológicas que permitem analisar as transformações no âmbito da cultura e das subjetividades. A partir deste núcleo de conhecimento recente e pertinente, desponta uma metodologia crítica para a condução de pesquisa em sistemas complexos humanos a partir dos meios e rastros digitais, i.e. a partir de registros de interação e escrita em interfaces amistosas para o usuário final e como dados para processamento e reconhecimento de padrões e leis naturais. A crítica unifica e impulsiona ambos o rigor lógico e a flexibilidade expressiva no avanço das hipóteses a partir de teorias e dados. Permite relacionar o conteúdo com a forma e superar determinantes de sofrimento para o indivíduo e a espécie humana. Uma metodologia crítica para a pesquisa em redes utiliza e problematiza tanto os instrumentos conceituais da teoria crítica quanto coloca em tensão as metodologias de redes complexas. Esse encontro de áreas, entre a filosofia social, a física, a psicologia social e a antropologia, é sustentado pela hipótese de que o cruzamento interdisciplinar e a pesquisa empírica são centrais para a produção de conhecimento no mundo contemporâneo. Ademais, cabe frisar que esta pesquisa não é meramente elencadora de dados e conceitos pois possui, revela e opera uma intenção ética e política. O percurso da apresentação expressará essa intencionalidade: delineio do referencial teórico seguido da metodologia de redes e implicações desta articulação. Em especial, formas de transposição dos processos autoritários por meio da contracultura nas redes e as novas experiências de subjetividades que emergem neste contexto de "nova sensibilidade ciborgue".

Keywords: teoria crítica, psicologia social, redes complexas, antropologia, física antropológica, pesquisa empírica, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade